

Oposição avalia aliança para eleição

24 MAR 1994
ROSELI GARCIA

Os partidos de oposição do Distrito Federal vão tentar uma difícil costura política para disputar — com chances de vitória — a sucessão do governador Joaquim Roriz, nas eleições de 3 de outubro. Eles não descartam uma aliança com o PSDB, mesmo que o ministro Fernando Henrique Cardoso decida disputar a presidência pelo partido. A sugestão foi examinada em reunião dos presidentes regionais do PT, PPS, PSB, PCdoB, PCB, com a participação, pela primeira vez, do PSDB.

O principal obstáculo da coligação no DF, caso seja concretizada a participação do PSDB, será evitar os ataques entre os dois candidatos à sucessão presidencial, Luís Inácio Lula da Silva, do PT, e o ministro Fernando Henrique Cardoso, que deverá entrar na disputa pelo PSDB. “Vamos esgotar todas as possibilidades para viabilizar a campanha ao governo do DF desvinculada da presidencial”, assegura o presidente regional do PSDB, Jorge Haroldo Martins.

“Acertar os pontos discordantes é um desafio à montagem da coligação com competência”, avalia o

deputado federal, Augusto Carvalho (PPS). Na opinião do parlamentar, “a aliança tornaria a chapa formada para disputar o governo do DF imbatível. Basta somar os votos dados ao deputado Roberto Freire (PPS), ao senador Mário Covas (PSDB) e ao Lula, na eleição presidencial de 1989”, explica. Na reunião citou-se o exemplo de Santa Catarina, onde o PSDB e PT caminham juntos na disputa pelo cargo de governador do Estado, sem esperar uma definição do PSDB nacional.

Alianças — Os tucanos não atenderam ao aceno dos partidos oposicionistas, mas também não descartam a possibilidade de vir a integrar a coligação: “Em política tudo é possível”, avalia a deputada distrital Maria de Lourdes Abadia, que já lançou o nome do ministro da Justiça, Maurício Corrêa, para disputar o governo do DF.

O cerco aos tucanos acontece em função da descrença numa candidatura da chamada terceira via. Os parlamentares acreditam que nenhum partido vencerá as eleições sozinho, seja para o cargo de governador dos Estados ou para a presidência. “A disputa no DF será po-

larizada entre as forças do governador Roriz e as de oposição”, observa o deputado distrital Carlos Alberto (PPS). “E uma coligação do PSDB com o PP de Roriz provocaria uma rebelião no ninho tucano”, acrescenta Augusto Carvalho.

Mesmo sem decidir integrar a coligação das esquerdas ou de Roriz, o PSDB do DF foi convidado a participar das reuniões para discussão do programa de governo, que está sendo elaborado pela frente de oposição. O convite foi aceito pelos tucanos brasileiros, que segundo Martins, vão acompanhar as propostas da frente para governar o Distrito Federal, caso os candidatos sejam eleitos. A entrada do PSDB na aliança vai desarrumar a chapa lançada pelos petistas. “Essa definição só ocorrerá depois de 2 de abril, quando todos os virtuais candidatos deixarão seus cargos públicos”, explica Carvalho.

Apesar da candidatura de Cristóvam Buarque ao governo do DF ter sido lançada pelo PT no ano passado, os nomes de Augusto Carvalho e Maurício Corrêa — se ele for escolhido pelo PSDB — também podem ser uma opção para a

aliança oposicionista enfrentar o candidato apoiado por Roriz.

Diante das dificuldades, os oposicionistas acenam com a hipótese de duas coligações progressista para disputar o governo do DF contra o grupo de Roriz. Uma aliança seria encabeçada pelo PT e outra pelo PSDB, “desde que não faça parte do esquema do Palácio do Buriti”, sustenta Carlos Alberto.

A base para sedimentação de uma segunda coligação, sem a participação do atual governador, ainda não foi discutida pelos tucanos. Resta para compor uma aliança nesse quadro; o PDT e o PMDB, que tem uma fraca representação no DF. Os peemedebistas locais eram considerados aliados incondicionais do governador Roriz, anuncia Martins. “Mas ontem eles receberam uma injeção de ânimo do ex-governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, que se lançou candidato à presidência pelo partido, e tomaram uma posição diferente”.

O PDT, coligado com o PMN e PST, lançou o ex-secretário de Meio Ambiente, Paulo Timm, ao governo pela Frente Alternativa, para arrebanhar os eleitores que não querem votar no candidato de Roriz, nem na coligação de esquerda.